

IPCA até agosto chega a 5,68%

Índice, que baliza a meta de inflação para este ano, de 8%, foi contaminado pelos reajustes dos preços dos combustíveis

Rio - A inflação apurada pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) foi de 0,56% em agosto, acumulando no ano uma alta de 5,68%. O IPCA é o índice que serve de base para a meta inflacionária definida pelo Banco Central para este ano, que prevê uma inflação de 8% com margem de tolerância de dois pontos percentuais para baixo ou para cima.

A gasolina e os preços públicos continuam sendo os grandes vilões da taxa, que mostrou o início de uma tendência declinante neste segundo semestre. O índice caiu pela

metade em relação a julho, mas a disparada do petróleo no mercado internacional reacendeu o temor de novos aumentos na economia. O Governo é enfático ao descartar novos reajustes este ano, mas analistas temem que a Petrobras não consiga manter os preços estáveis por muito tempo, se a trajetória de alta continuar no exterior.

O medo não é à toa. Apenas a gasolina representou pouco menos do que um terço da inflação medida no período. Em julho, o impacto foi ainda mais significativo, com o produto respondendo por 42% do IPCA. Segundo a gerente de Sistemas de Índices de Preços do IBGE, Eulina Nunes, a única variável que pode afetar significativamente o comportamento da inflação é um novo aumento dos combustíveis no Brasil.

Já o diretor de Política Econômica do Banco Central, Sérgio Werlang, contestou rumores de que o Governo



Sérgio Werlang: "Não haverá novos reajustes de combustíveis"

pode abrir mão do controle da inflação e liberar novos reajustes dos combustíveis. "O próprio Presidente da República já negou." Werlang comemorou a queda da inflação em 0,53 ponto percentual entre julho e agosto. "A taxa se comportou como nós prevíamos", afirmou. "As altas foram localizadas e não se espalharam pela economia."

em agosto. "O impacto dos reajustes dos combustíveis e das tarifas públicas já foram diluídos e a tendência agora é de menos pressão no custo de vida", avaliou. Segundo Eulina, a queda da renda dos assalariados desencadeada pela desvalorização cambial está impedindo que a alta dos preços no atacado seja repassada integralmente ao consumidor.

Os dados divulgados ontem pelo IBGE mostram que os artigos de vestuário tiveram nova deflação em agosto. A queda de 0,12% nos preços refletiu o período de liquidações da coleção outono-inverno. A pequena alta de 0,13% nos preços dos alimentos, registrada após quatro meses consecutivos de declínio não preocupa. Segundo Eulina Nunes, a variação é apenas um reflexo do final do período de colheita. "Trata-se mais de uma recuperação do que propriamente uma elevação de preços", ponderou.